

REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CIBERCULTURA

Maria Teresa Tabarassi da Silveira FEITAL ¹

Resumo

Em janeiro de 2011, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UNISO recebeu o professor Dr. Jorge A. González Sánchez, que ministrou o curso de férias “*Culturas Populares e Culturas Contemporâneas na América Latina: das metáforas aos conceitos e das inspirações aos métodos de pesquisa*” onde foram abordados os temas: a- O estudo dos processos culturais; b- Propriedades, relações e processos; c- Conceitos e metáforas, motivações e metodologias; d- Potência explicativa e elaboração de teoria; e- Mediações e hibridizações: virtudes e críticas; f- Frentes Culturais: compreender o movimento; g- Cibercultur@: facilitar o movimento; h- Desenvolvimento e estado atual de projetos. O objetivo deste texto é fornecer subsídios para uma reflexão sobre o conceito de cibercultura, apresentado pelo professor Jorge A. Gonzáles (GONZÁLEZ) durante o curso de férias, e o conceito formalizado por Pierre Levi (PL) em seu Livro “Cibercultura.”

Palavras-chave: comunicação, educação, tecnologia, cultura, sociedade.

Introdução

O professor Jorge A. González Sánchez coordena o Laboratório de Investigação e Comunicação Complexa, do Programa de Epistemologia da Ciência e Cibercultura, da Universidade Nacional Autônoma do México.

Jorge A. González Sánchez é autor dos livros:

- “*Sociología de las culturas subalternas*” (Mexicali: UABC, 1990).
- “*Sociología de las culturas subalternas*” (Mexicali: UABC, 1990).
- “*Mas(+) cultura(s). Ensayos sobre realidades plurales*” (México:CNCA,1994).
- “*Metodología y cultura*” (México: CNCA. 1994.)
- “*Entre cultura(s) y cibercultur@(s). Incursiones y otros derroteros no lineales*” (La Plata: EDULP. 2008)

González acredita que a cultura popular na América Latina é a cultura dos explorados, subalternos e marginalizados. Interpreta as tramas das relações culturais e como nelas se inserem a comunicação, tentando compreender as relações entre classes sociais,

¹ Mestre em Comunicação e Cultura pela UNISO, Sorocaba/SP e professora universitária no CEUNSP.

tanto nos aspectos relativos a sua interdependência, quanto na reconstrução de sentido. Para isso ele usa abordagens da sociologia e da antropologia.

Gramsci é um dos filósofos preferidos de González, que entre outros temas, dedicou parte de seus estudos ao entendimento das manifestações culturais das classes populares, entre elas o folclore, o senso comum e a religião. Neste contexto, a ideologia é entendida como fator que explica as relações de produção, uma vez que podemos entender a estrutura de classes do ponto de vista da produção (instância econômica) como um sistema de exploração, do ponto de vista da organização social (instância política) como um sistema de dominação, e no âmbito das representações sociais, um sistema de hegemonia.

González não mencionou Saussure, mas Gramsci pode ter o influenciado ele nos estudos sobre linguagem. Segundo Ferdinand Saussure, a linguagem tem um lado individual e um social, sendo impossível conceber um sem o outro; implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução e só se desenvolve no convívio social que nos influencia o tempo todo.

Outro autor comentado por González é Bourdieu, no qual a cultura se materializa em instituições, gestos e ações. O *habitus* de classe seria então a assimilação pelos membros de uma classe das condições objetivas de sua existência em forma de esquemas inconscientes de produção e concepção, que revelaria, portanto, as ações/relações sociais objetivas, suas condições materiais reais, o jeito de ser e de fazer do indivíduo e as suas relações com as estruturas sociais. Desta forma, o conceito *habitus* de classe compreende a cultura de forma dialética, entendendo-a ao mesmo tempo como produto social e categoria produtiva.

Para González, os estudos sobre a comunicação de hoje, altamente mediada, não pode ser entendida sem o estudo da cultura, porque a comunicação é algo relacional, uma prática cultural e um processo onde ela mesma se relaciona com os seus produtos: o espaço, dentro do limite relacional da sociedade, onde se constrói, consolida ou desconsolida o sentido que o interlocutor também dá aos meios.

A cibercultura por Jorge González

A evolução das pessoas conectadas à Internet nos reporta a ideia de McLuhan, de pensar o mundo do futuro como uma aldeia global. Todos os dias mais regiões, mais indivíduos e mais organizações estão se conectando, e, com isso, ganhando acesso a quantidades de informação de todo gênero e a conhecimentos que até a pouco tempo atrás era impossível alcançar.

Historicamente sabemos que algumas das inovações mais importantes são reservadas, em um primeiro momento, para usufruto de quem as inventa e desenvolve. Com o tempo, versões desses avanços são disseminadas em diferentes lugares, que ficaram de fora da primeira onda de benefícios dessas tecnologias. Foi assim com automóvel, televisão rádio, entre muitos outros exemplos.

Um dos objetivos deste milênio é o de incluir todo o mundo no “mundo digital”, pois pequenos grupos perceberam que na questão de novas tecnologias a situação do usufruto das informações ainda persiste, portanto existe uma proposta de estratégia globalizadora, ou seja, toda a humanidade deve ter acesso a toda informação e conhecimento que já circulam na Internet. Os marginalizados de sempre devem ser inclusos nos “grandes” benefícios que a economia mundial proporciona à informação.

O acesso aos computadores e à internet das sociedades mais pobres pode colaborar com um processo de redução da pobreza digital, que cruza transversalmente com outras pobreza. Se esse objetivo for atingido, afirmam alguns, poderíamos dispor de uma formidável ferramenta para o desenvolvimento social e educativo.

González propõe uma estratégia para desenvolver a cibercultur@, que foi criada para operar justamente ao contrário de como foi conduzido o processo de expansão e difusão do acesso à Internet em regiões não-centrais da sociedade mundial. A informação, a comunicação e, particularmente, o conhecimento, são três áreas estratégicas para moldar de maneira mais autodeterminante a reorganização contemporânea das relações sociais, nas quais a produção de conhecimento tem um papel determinante.

Conforme González, nos países da América Latina (em especial o México) foi desenhada uma política de inclusão que sustenta como premissa central que quanto mais acesso aos computadores e à Internet, melhor desenvolvimento se terá. Para ele esta asserção não só é completamente falsa, mas, além disso, quando as pessoas a aceitam, acreditam nela e a aplicam com toda docilidade, como política local de inclusão digital, beneficiam apenas a alguns setores já previamente favorecidos nesta sociedade. É necessário entender essas novas tecnologias como um vetor sócio-histórico complexo e não somente como máquinas, artefatos e cabos para acesso à informação que vão ajudar os “pobres” a melhorar sua situação ancestral de carências.

A Internet pode auxiliar os pobres a ter mais qualidade de vida, mas descuidamos de uma dimensão que está interrelacionada com a informação e a comunicação ao longo de

toda a história: a produção emergente e coletiva de conhecimento situado como estratégia característica da espécie humana para ajudar a resolver seus problemas concretos.

Existem enormes setores da população mundial que mantêm um relacionamento não-familiar e distante com a internet ficando apenas na consulta de conteúdos. Para esse grupo é necessário criar condições para que na rede de Internet possam passar de consumidores de conteúdos para a categoria de geradores de informação e conhecimento localmente situado.

As ferramentas materiais e conceituais para gestão e cultivo detalhado da informação, da comunicação e do conhecimento continuam distribuídas muito desigualmente. Apesar disso, tanto os suportes materiais como as disposições cognitivas podem ser, com proveito, coletivamente administrados e apropriados dentro do que chamamos de estratégia de desenvolvimento da cibercultur@, que se opõe em três frentes à tendência dominante:

- Desenvolvimento que parte de baixo para cima, conecta de dentro para fora (facilitar a conexão entre a periferia e o centro).
- Garantia do acesso dos que não estão conectados ou estão periféricamente ligados é insuficiente enquanto estiverem condenados a consultar a informação e o conhecimento de outros, no qual participam como objetos/usuários, mas jamais como criadores de conhecimento.
- Entrada na sociedade do conhecimento de um modo desvinculado de outros condicionamentos, não garante que, como coletividades com memória e história, possam gerar suas versões do processo, que os transformou em pobres digitais, informacionais.

Ao teorizar inadequadamente o papel inseparável do conhecimento na forma de toda sociedade, não é possível incluí-lo no mesmo nível de importância nas perguntas sobre este processo de reorganização da sociedade em escala mundial. As novas tecnologias de informação e comunicação potencialmente salvadoras tornam-se, cada vez mais, tecnologias de desconhecimento e de reforço da desconexão em todas as escalas invocando essa brecha digital como um problema social por diversas razões:

- Pela falta de acesso de milhões de categorias sociais (pobres, mulheres, indígenas, etc.) a essas tecnologias e, sem elas, à informação e aos conhecimentos mundiais disponíveis na rede.
- Essa carência é injusta, porque reforça a exclusão social de setores (já previamente excluídos) que ficam para fora dessa brecha.

- Por meio de seus governos, os países da periferia devem desenhar e incrementar de modo crescente seu contato com as tecnologias da informação e comunicação como instrumento privilegiado para acessar a informação e os conhecimentos organizados, criados e processados para eles por outros.

Devido a seu caráter apenas descritivo e nominalista, ao afirmar que existe algo como uma brecha digital, a noção descreve apenas como fatos uma parte de um estado das relações, mas descuida completamente do conhecimento do processo que a gerou. A brecha digital deve ser considerada dentro de uma constelação de outras brechas ou desigualdades estruturais dessas sociedades.

Conforme González (2007), noções como brecha digital, tecnologias de informação e comunicação e muitas das versões da sociedade da informação não têm densidade nem estatuto teórico sólido e, de fato, não dão conta adequadamente da dinâmica do processo. Ao contrário, requerem um tratamento sistêmico que possa sustentar em vários níveis as relações entre múltiplos processos interconectados com relações de poder e de internacionalização de fluxos de capitais, de pessoas, de imagens e de informação.

As políticas dominantes mundiais, com relação às tecnologias de informação e comunicação, invocam a brecha digital como um problema prático, devido à falha de acesso à informação e aos conhecimentos colocados lá por pessoas e organizações do mundo inteiro na rede. Não ter acesso à principal fonte de mediação das relações sociais do século XXI agrava a exclusão social de todos os setores que ficam de fora, ou do outro lado dessa brecha. Por essa razão, considera-se que os países com abundância de populações pobres devem aumentar seu contato com essas novas tecnologias, qualificadas como o instrumento privilegiado para acessar a informação e os conhecimentos organizados e criados para todos, por outros que estão do outro lado da brecha.

Cibercultur@:

A concepção de cibercultur@ para González ressalta três direções de sentido dos elementos que a compõem: o prefixo grego kyber (ciber), a palavra latina cultur e o símbolo tipográfico @ (González, 2007).

- CIBER: desenvolver cibercultur@ implica gerar, incrementar, aperfeiçoar, melhorar e compartilhar as habilidades para conduzir relações sociais, num exercício de autogestão coletiva, horizontal e participativa.

- CULTUR: (cultivo, cuidado, atenção e desenvolvimento). A habilidade para se auto-conduzir e se dirigir aos outros para soluções mais inteligentes frente aos enormes desafios do século XXI, pode ser aprendida, pode ser compartilhada, pode ser cultivada com outros e para outros.
- @ (arroba): símbolo que hoje é tão familiar entre os que utilizam a rede, exatamente por sua semelhança gráfica com uma espiral, é utilizado por sua semelhança para representar um circuito de retroalimentação positivo, um processo aberto e adaptável que gera uma resposta emergente que surge da densidade das relações do sistema e não se reduz à soma de seus componentes.

González propõe o neologismo cibercultur@ (com a arroba @ incluída) para designar uma série de processos específicos que implicam uma dupla qualidade complementar e simultânea:

- Cibercultur@ como um objeto de estudo - voltado a descrever, analisar e explicar os diversos processos de relação entre o cognitivo e simbólico de determinadas sociedades no tempo e no espaço com o vetor tecnológico.
- Cibercultur@ como um valor de desenvolvimento social. O objetivo não é usar as tecnologias de informação e comunicação apenas para acessar sistemas de informação, mas sim de conceber essas tecnologias como verdadeiras plataformas para desenvolver conhecimento local.

Um conhecimento local, mas que não se acaba em regionalismos, pois sempre tem como pano de fundo a clareza de que está crescendo junto com outras comunidades emergentes em pleno processo de formação de seus próprios sistemas e redes de conhecimento para enfrentar problemas comunitários significativos.

Para que o futuro do mundo contemporâneo seja aberto e esperançoso, precisamos de outra forma de participação e inclusão menos centrada na tecnologia, mais centrada no desenvolvimento humano compartilhado. Isso significa mais diálogo, uma sociedade menos surda e impositiva e mais decidida de baixo para cima, dos lados para os lados e, posteriormente, de dentro do subdesenvolvimento para fora. O objetivo de formar redes de comunidades emergentes, de conhecimento local ativas no uso de novas tecnologias para retecê-la malha social é um grande desafio.

A cibercultura por Pierre Lévy

Conforme Pierre Lévy a emergência da cibercultura provoca uma mudança radical no imaginário humano, transformando a natureza das relações dos homens com a tecnologia e entre si. Lévy defende uma interrelação muito próxima entre subjetividade e tecnologia. Através do conceito de "tecnologia intelectual", Lévy discorre sobre como a tecnologia afeta o registro da memória coletiva social. As noções de tempo e espaço das sociedades humanas são afetadas pelas diferentes formas através das quais este registro é realizado.

Pierre Lévy une técnica, sociedade, cultura, arte, educação, cidadania em um único espaço: o virtual, que pra o autor, é apenas um ponto de partida para conhecermos e planejarmos melhor o território real. Podemos dividir o livro em três partes:

- 1ª: o autor faz uma relação entre técnica, cultura e sociedade, enfatizando que a técnica é produto de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada a sua técnica. Mesmo não sendo determinante, a técnica abre possibilidades em todos os aspectos da vida social. Portanto, sem ela, algumas opções sociais e culturais não poderiam ser pensadas.
- 2ª: implicações culturais provocadas pelo o novo espaço de comunicação, de sociabilidade e de inclusão, o qual Lévy denomina como Ciberespaço, e afirma que este é o único meio através do qual as pessoas podem partilhar “inteligência coletiva” e discutir sobre inúmeros temas simultaneamente, sem se submeter a qualquer tipo de controle ideológico.
- 3ª: Lévy defende que uma das principais características do ciberespaço é ser independente e comunitário, por isso não deve ser usado apenas de forma comercial. Outra questão é que com o surgimento do ciberespaço o Estado teme perder a sua soberania em relação à cultura e ao território. A rede é desterritorializante, através dela, pode-se visitar o mundo sem ter que passar por alfândega.

O imaginário humano sempre esteve atrelado à tecnologia, sendo que não podemos pensá-la separada da sociedade, como um elemento isolável, mas sim considerarmos um mundo permeado pela tecnologia, que influencia as formas de sociabilidade. A partir da perspectiva das tecnologias intelectuais, Lévy traça um histórico da humanidade, mostrando de que forma cada uma delas influenciou sua época, até chegar à mudança que estamos vivendo hoje em dia:

"No caso da informática, a memória se encontra tão objetivada em dispositivos automáticos, tão separada do corpo dos indivíduos ou dos hábitos coletivos que nos perguntamos se a própria noção de memória ainda é pertinente" (Lévy, 1995)

Pierre Lévy diz que alguns críticos estão sendo “cegos e conservadores” em relação ao mundo virtual, movidos apenas pelo medo de perder o poder e o monopólio para o Ciberespaço e diante disso não se permitem conhecer esse novo modelo de comunicação e interatividade e as transformações positivas provocadas pelo mesmo.

Em relação ao Ciberespaço ser sinônimo de exclusão, de caos e de confusão, o autor admite que para as regiões que ainda estão em desenvolvimento, o acesso à rede exige alto custo e toda tecnologia requer qualificação para ser manuseada. No entanto, esse é um problema para ser colocado em perspectiva. Com relação às questões do caos e da confusão partem de falsas premissas de que não existe censura no Ciberespaço e nenhuma autoridade garante o teor das informações disponibilizadas, o que deixa o seu conteúdo vulnerável à desconfiança.

Em resposta a essa questão o autor diz que “os sites são produzidos e mantidos por pessoas e instituições que assinam suas contribuições e defendem sua validade frente à comunidade dos internautas”.

Ao contrário do que muitos pensam, o Ciberespaço não veio eliminar outros meios de comunicação, apenas possibilita formas mais práticas de conhecimento, de relacionamento e interação que de certa maneira facilitam a nossa vida cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção do termo cibercultur@ apresentada por Jorge González não está necessariamente relacionada ao mundo dos computadores ou às redes de Internet, como é costume compreendê-la em Pierre Lévy. Por razões cognitivas e organizacionais, a inclusão forçada não parece ser a melhor forma de ter acesso aos benefícios da Internet e da sociedade da informação em uma sociedade marcada por pobres excluídos nas mais diversas dimensões. Para Gonzalez, a estratégia de pensadores como Levy consiste mais em incorporar ao mercado mundial, como consumidores potenciais, a enorme massa de miseráveis, especialmente as crianças (afinal, por que cada criança pobre não pode ter seu próprio laptop?).

A obra de Pierre Lévy “Cibercultura” foi lançada em 1999, no entanto, é possível perceber que as ideias do filósofo se mostram cada vez mais atuais. Por outro lado, não se pode esquecer que a realidade dos países de terceiro mundo é bem diferente da realidade dos países desenvolvidos. A mudança educacional, principalmente nos países de terceiro mundo, mesmo depois de todos esses avanços, ainda está engatinhando. Não se pode deixar somente nas mãos do professor (como insinua Levy em vários pontos de sua obra), o incentivo à “inteligência coletiva”, pois isto não depende só dele (do professor), mas de uma série de critérios que regem a estrutura educacional de um país, como: políticas sólidas de investimentos na preparação dos professores; treinamentos do pessoal da Educação para o uso das tecnologias atuais para servir, tanto para professores quanto para alunos, como fonte de pesquisa e de conhecimento; condições para que os profissionais da área da Educação tenham tempo para se dedicarem ao estudo e à pesquisa, e juntamente com a sociedade possam escolher, verificar e se certificar o que realmente será útil e proveitoso para a própria sociedade; além é claro, de incentivos que também passam por melhores remunerações salariais, que por sua vez estão ligadas a melhores condições de vida.

Referências

AUGÉ, M. **Não-lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade** – São Paulo: Papirus, 1994

GONZÁLEZ, J.A. anotações durante o curso de férias: “**Culturas Populares e Culturas Contemporâneas na América Latina: das metáforas aos conceitos e das inspirações aos métodos de pesquisa**”, Sorocaba: UNISO, jan/2011

GONZÁLEZ, J.A. **Entre cultura(s) y cibercultur@(s). Incursiones y otros derroteros no lineales** La Plata: EDULP, 2008.

LÉVY, P **Cibercultura** , São Paulo:Editora 34, 2000

MATOS, O. **Filosofia – A polifonia da razão** – São Paulo: Scipione, 1997